



O papel dos jornais de São Miguel do Oeste (SC) na definição do conceito de região Extremo Oeste: um comparativo entre o uso do termo em 1959 e na atualidade¹

Marcionize Elis Bavaresco²

Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste

Resumo

O presente artigo traz elementos da pesquisa realizada sobre o papel exercido pelos jornais produzidos em São Miguel do Oeste na definição do conceito de região Extremo Oeste. A base do estudo é um comparativo entre o uso do termo no material informativo produzido e divulgado pelos jornais migueloestinos em 1959 e na atualidade. O material de análise se constitui de exemplares do jornal “A Voz da Fronteira” que circularam em 1959 e de três jornais atualmente estabelecidos em São Miguel do Oeste, “Folha do Oeste”, “Gazeta Catarinense” e “Jornal Regional”. O conceito de região Extremo Oeste não é oficial, mas sim uma construção simbólica, que passa por transformações em determinado contexto histórico. Os jornais são um dos agentes que estabelecem as contínuas relações que fazem com que o Extremo Oeste seja entendido como tal.

Palavras-chave

Extremo Oeste; jornais; memória; produção de sentido; identidade.

1 Considerações iniciais

O presente artigo apresenta considerações a respeito do papel exercido pelos jornais produzidos em São Miguel do Oeste (SC)³ na definição do conceito de região Extremo Oeste, com base num comparativo entre o uso do termo no material informativo produzido e divulgado pelo único jornal da cidade no ano de 1959, o “A Voz da Fronteira”, e três jornais que atualmente estão estabelecidos em São Miguel do Oeste: “Folha do Oeste”, “Gazeta Catarinense” e “Jornal Regional”.

Para tanto foi analisado um *corpus*⁴ formado por todas as matérias onde consta o termo Extremo Oeste nas edições disponíveis do jornal “A Voz da Fronteira” que circularam em 1959, e de todas as matérias onde aparece o termo nas edições dos jornais

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Jornalismo, do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Jornalista, atualmente atua como repórter do jornal Gazeta Catarinense, com sede em São Miguel do Oeste/SC. A presente pesquisa foi desenvolvida como Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia), apresentado ao curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo - da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), campus de São Miguel do Oeste, no final do ano de 2008, sob a orientação da professora MSc. Leoní Serpa. Email: marcionize@hotmail.com.

³ Conforme dados disponíveis no site da prefeitura (<http://www.saomiguel.sc.gov.br/index.php?pg=dados.php>), o município está localizado a 730 quilômetros da capital de Santa Catarina, Florianópolis, na região Oeste do Estado, a cerca de 35 quilômetros da divisa com a Argentina.

⁴ Termo utilizado para definir o material a ser analisado na pesquisa, ou seja, os exemplares do “A Voz da Fronteira”, do “Folha do Oeste”, do “Gazeta Catarinense” e do “Jornal Regional” que o estudo contemplou.



“Folha do Oeste”, “Gazeta Catarinense” e “Jornal Regional” que circularam do dia primeiro ao dia 30 de julho de 2008. Cabe ressaltar que as edições do “A Voz da Fronteira” se mostraram muito raras, tendo em vista que não foram encontradas as primeiras edições do jornal, criado em 1958, nem um arquivo com todas as edições veiculadas durante os primeiros meses de sua circulação. O material mais completo foi reunido pelo jornalista Ademar Baldissera (*in memorium*) e hoje é guardado pela sua família. Esse arquivo contém 28 exemplares do “A Voz da Fronteira”, que circularam em 1959.

Embora um levantamento feito pela Secretaria Municipal de Cultura, Lazer e Turismo, por ocasião do cinquentenário do município, comemorado em 2004, indique que o jornal “A Voz da Fronteira” foi o terceiro jornal fundado na cidade, as edições analisadas foram os exemplares mais antigos de periódicos migueloestinos encontrados⁵. Atualmente existem quatro jornais com sede em São Miguel do Oeste, e que circulam no município e arredores, destes, dois são bissetanais (“Folha do Oeste” e “Gazeta Catarinense”) e dois são semanais (“Jornal Regional” e “Imagem”). A opção foi por analisar apenas três deles pelo fato de que o jornal “Imagem” não possui produção própria de material jornalístico, se limitando a publicar *releases*⁶ enviados por instituições públicas e privadas.

Para dar conta do problema a que se propôs o estudo foram utilizados variados métodos de pesquisa. Entre os quais o método histórico e a Análise de Discurso, além da observância das teorias do jornalismo que auxiliam na interpretação dos dados coletados. Nesta pesquisa encontramos no viés das teorias que Antonio Hohlfeldt (2001, p. 188) chama de *communication research*⁷, as possibilidades mais coerentes em se levando em consideração o objetivo de analisar o contexto que envolve o processo de comunicação, e não apenas o fenômeno comunicacional em si.

2 Os jornais de São Miguel do Oeste: meio século de registro da história local

A área que abrange o território do município de São Miguel do Oeste e localidades vizinhas é muito jovem e, como tal, ainda está imersa num intenso processo de transformação. Conseqüentemente a imprensa local também é recente. Em São Miguel do

⁵ O neto do fundador do “A Voz da Fronteira”, Julio Tiezerini, possui dois exemplares do jornal mais antigos do que os analisados, no entanto, como esse número era insuficiente para a realização da análise proposta, optou-se por não incluí-los no *corpus*.

⁶ Textos produzidos por assessorias de imprensa ou profissionais da área da comunicação e enviados à mídia com o objetivo de divulgar determinada informação, que é de interesse da instituição (seja pública ou privada) a qual a assessoria de imprensa ou profissional representa.

⁷ Esta denominação é utilizada para definir tendências atuais da pesquisa em comunicação que têm como foco os efeitos causados pela mídia em longo prazo.



Oeste os primeiros jornais surgiram há pouco mais de 50 anos, o que é compreensível, tendo em vista que o próprio município tem apenas 54 anos de emancipação.

Um dos aspectos fundamentais da mídia é a capacidade de construção e preservação da memória do grupo do qual trata e ao qual se dirige. A doutora em história e professora do programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Marialva Barbosa, chega a caracterizá-la como “um dos senhores da memória da sociedade” (2004, p. 1). Neste cenário os veículos de comunicação impressos adquirem status especial, já que superam os limites do espaço e do tempo, conforme afirma Alberto Dines (1986, p. 46), podendo ser usados como documentos de registro da história facilmente transportáveis de um lugar para o outro e ao qual pode-se ter acesso mesmo anos depois de sua veiculação, se preservados.

Outra característica atribuída aos jornais é seu caráter institucional e, conseqüentemente, marcado ideologicamente. Conforme Nilson Lage (2001, p. 26), desde o surgimento “(...) o jornal tornou-se instrumento de luta ideológica, como jamais deixaria de ser”. Ainda nesta linha de análise, Ricardo Noblat (2003, p. 21) acrescenta uma característica interessante entre uma série de itens que intitula “Para que serve o jornal”: “Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo”.

Todas estas características fazem dos impressos importantes mecanismos de formulação e fixação de conceitos, além de registro da história local. Frente a isso, o jornal, veículo de comunicação impresso, é por natureza o suporte ideal para guardar os registros da memória de uma sociedade.

Somado a estes fatores se junta a escassez de documentos que preservam a memória de São Miguel do Oeste e região, o que faz com que o papel dos jornais seja primordial na construção historiográfica local. Contudo, apesar do significado dos jornais para a manutenção da memória local, percebe-se a falta de cuidado com a preservação dos mesmos na cidade, tanto que não foram encontrados⁸ exemplares dos dois primeiros jornais da cidade, o “Tribuna do Oeste” (1954) e “O Clarim do Oeste” (1955). O material mais remoto encontrado foi um arquivo particular composto por vários exemplares do jornal “A Voz da Fronteira”, entre os quais 28 exemplares que circularam no ano de 1959.

Porém, a memória preservada e, de certa forma, construída pelos jornais, obedece a critérios subjetivos e que envolvem relações de poder.

⁸ A procura por esses jornais iniciou em dezembro de 2007, para a realização de uma matéria jornalística, e prosseguiu até o final do primeiro semestre de 2008.



Assim, ao selecionar o que deve ser notícia e o que vai ser esquecido, ao valorizar elementos em detrimento de outros, a mídia reconstrói o presente de maneira seletiva, construindo hoje a história desse presente e fixando para o futuro o que deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido. (BARBOSA, 2004, p. 4)

É importante salientar que as relações de poder são aspectos que estão sempre presentes na produção jornalística, ainda mais em se tratando da sociedade atual, onde presenciamos a mediatização do espaço público, ou seja, nos relacionamos com os outros e com o ambiente que nos cerca através dos filtros (da mediação) exercida pelos meios de comunicação.

3 A construção histórica do Extremo Oeste a partir das páginas dos jornais

Uma região que não está nos mapas. Esta é uma das características da “região Extremo Oeste” de Santa Catarina. Para a realização da pesquisa que embasou o presente artigo vários mapas e bibliografias que tratam da divisão política do Estado foram consultados e, em nenhum foi encontrada alusão a existência oficial de uma “região Extremo Oeste”⁹. Porém, isso não quer dizer que essa região não exista, já que para a realização desta análise foi levado em consideração o conceito de região apresentado por Pozenato¹⁰ (2003, p.150, grifo do autor), “em suma, a região, sem deixar de ser em algum grau um espaço *natural*, com fronteiras *naturais*, é antes de tudo um espaço construído por decisão, seja política, seja da ordem das representações, entre as quais as de diferentes ciências.”

É perceptível, atualmente, que o conceito de região Extremo Oeste está consolidado entre a população de São Miguel do Oeste, tanto que os veículos de comunicação usam o termo freqüentemente, sem a necessidade de explicar para o seu público a que municípios estão se referindo. Até mesmo em algumas bibliografias que tratam da história de São Miguel do Oeste e municípios vizinhos o termo foi incorporado.

Nesses materiais de outros campos, que não o do Jornalismo, especialmente ligados às áreas da História e da Geografia, onde o termo Extremo Oeste foi encontrado, normalmente são apresentados os parâmetros de definição do conceito em cada caso, ou seja, são demonstrados a que municípios o termo faz alusão, o que não acontece nas

⁹ Essa pesquisa que envolveu materiais da área da história e geografia levou em consideração os princípios do método histórico denominados *heurística* e *crítica*, cuja definição foi apresentada na Introdução.

¹⁰ Essa consideração foi baseada na *interpretação*, que é um dos princípios do Método Histórico conforme Astor Dihel (2001, p. 25)



matérias dos jornais. Isso se deve ao fato de que esses campos seguem normas de cientificidade que não se aplicam ao conteúdo jornalístico.

Cabe destacar que o tratamento dado aos fatos pelos veículos de comunicação apresenta algumas peculiaridades que devem ser consideradas quando utilizamos esse material para a reconstrução histórica de determinado objeto de análise, como explica a estudiosa contemporânea Marialva Barbosa (2006, p. 14):

Por outro lado, não podemos deixar de considerar que falar da forma pela qual os meios de comunicação usam o passado é referir-se às múltiplas possibilidades de construções de natureza simbólica. Se, por um lado, a mídia impressa, como fonte, fornece uma certa visão de passado que, imortaliza em suas páginas, pretende ser retrato de uma época, por outro lado, também os meios de comunicação utilizam o passado como simbolismo para a sua construção discursiva.

A isso a autora acrescenta que esse uso do passado como simbolismo, em se tratando de conteúdo midiático informacional, normalmente se dá como testemunho, ou seja, o passado serve para confirmar ou dar credibilidade a determinado fato. Dessa forma, o uso desde o final da década de 1950 até a atualidade do termo Extremo Oeste foi consolidado pela continua rememoração dos jornais acerca da utilização dele, legitimando-o na memória coletiva.

Tendo em vista que não foi possível analisar os primeiros jornais da cidade, não se pode afirmar que o uso do termo Extremo Oeste nos impressos começou em 1959, nem que o primeiro veículo de comunicação impresso a utilizá-lo foi o “A Voz da Fronteira”. Contudo, pela característica do uso do termo nos exemplares analisados, percebe-se que ele ainda estava em consolidação e muito ligado ao conceito de região Oeste. É como se, na época referida, o Extremo Oeste iniciasse um processo de emancipação.

Nas 28 edições do jornal analisadas, o termo Extremo Oeste apareceu 15 vezes. Desse total, em sete a expressão foi usada em artigos opinativos, escritos, todos, por lideranças ligadas à política. Nas outras oito ocorrências, duas das quais nos títulos, o termo apareceu em material que se presume informativo, pois não era assinado, porém a diferenciação entre informação e opinião no veículo de comunicação não era muito clara.

Situação bem diferente é verificada nos três jornais atuais analisados, onde o termo “Oeste” aparece apenas esporadicamente. Em compensação, o conceito de “Extremo Oeste” é utilizado com frequência. Nas nove edições analisadas dos bissemanais “Folha do Oeste” e “Gazeta Catarinense” o termo apareceu 62 vezes no primeiro e 45 vezes no segundo, sendo que nas edições dos jornais atuais foi analisado apenas o material



informativo, pois este é o foco principal do estudo. Já no semanal “Jornal Regional”, foi verificada a incidência do termo Extremo Oeste em 11 oportunidades, deste jornal foram analisados quatro exemplares.

Um dos prováveis motivos para a iniciativa de se diferenciar os municípios de São Miguel do Oeste e municípios vizinhos do grande Oeste Catarinense, que, conforme Piccini e Torrescasana (2006, p. 29) engloba 91 municípios, é a necessidade de consolidação de uma identidade local. Dois aspectos são relevantes nesta análise, o fato de São Miguel do Oeste e municípios vizinhos serem jovens, os mais antigos têm pouco mais de 50 anos, e por terem sido ocupados, basicamente, por grupos vindos de outras regiões, especialmente do Rio Grande do Sul, que preservavam a cultura e as tradições de sua terra natal, tendo mais identificação com o Estado vizinho do que com Santa Catarina. Conforme Paulo Bavaresco (2005, p. 69), foram esses colonos vindos do Rio Grande do Sul que realizaram a colonização definitiva da região.

Outro aspecto que retardou a ocupação e conseqüente consolidação de uma identidade local foram as constantes disputas pelo território Oeste de Santa Catarina. Apenas com o fim da Guerra do Paraguai (1864-1870) e com o acordo dos limites entre Brasil e Argentina, em 1885, o Oeste do Estado começou a ser explorado (BAVARESCO, 2005, p. 69). Já na década de 1920, com o término da Guerra do Contestado (1912-1916) os primeiros caboclos se fixaram na região. Mais tarde a criação do Território Federal do Iguazu pelo então presidente da república Getúlio Dorneles Vargas, em 1943 (DE BONA, 2004, p. 31), subordinou Vila Oeste, que mais tarde se tornaria São Miguel do Oeste, a um novo governo. Porém, o território foi extinto em 1946, fazendo com que Vila Oeste e demais localidades do Oeste catarinense voltassem a pertencer ao Estado de Santa Catarina.

Solucionados os impasses territoriais, o impulso fundamental para a consolidação de uma região Extremo Oeste veio com a criação dos municípios de Dionísio Cerqueira, Mondaí, Itapiranga, São Miguel do Oeste, São Carlos e Palmitos, pela Resolução n. 10, de 29 de outubro de 1953. Antes essas localidades pertenciam ao município de Chapecó, distante geograficamente¹¹ e de difícil acesso na época. A partir daí a população de São Miguel do Oeste passou a ter uma bandeira para defender, no entanto, a realidade ainda era de um município carente de infra-estrutura, com uma população de migrantes que ainda não tinha criado raízes e com um território recentemente delimitado.

¹¹ Chapecó fica a aproximadamente 120 quilômetros de São Miguel do Oeste.



Logo depois, em 1954, surge o primeiro veículo de comunicação do município. Esses canais de comunicação são fundamentais para a manutenção da rede de relações que constitui a região e, conseqüentemente, para a consolidação de uma identidade regional, já que a própria região é um elemento constituinte da identidade, como afirma Anne Gilbert (1986, p. 185 apud BAVARESCO, 2005, p. 39).

Ainda acerca do conceito de identidade, cabe destacar que as identidades “adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelas quais elas são representadas.” (WOODWARD, 2007, p. 8). Esse é um dos motivos que faz dos veículos de comunicação ferramentas para a consolidação do conceito de região, justamente porque fornecem os elementos (linguagem e sistemas simbólicos) que dão forma à identidade regional.

No entanto, essa consolidação de uma comunidade regional, unida por uma identidade comum não é automática, como se percebe no “A Voz da Fronteira”, ela acontece aos poucos, gradativamente, pela persistência no uso do termo, confirmando o que aponta Nilson Lage: “Mas é importante considerar que a identificação não se processa súbita e universalmente, porém, pouco a pouco, por contigüidade” (2001, p. 97).

Outra observação interessante é que, das 15 inserções do termo “Extremo Oeste” nas edições do “A Voz da Fronteira” analisadas, nenhuma trata de problemas da região, a grande maioria está relacionada a conquistas, obras, enfim, a um ideal de progresso. Portanto, a identidade da região Extremo Oeste que se buscava consolidar por meio dos jornais migueloestinos em 1959, era de uma região em pleno desenvolvimento, que recebia atenção das lideranças políticas e de entidades privadas, mesmo que a realidade local fosse de um município ainda carente de todo tipo de infra-estrutura, que aos poucos ia sendo instalada, e que precisava se unir com os municípios vizinhos para que suas reivindicações fossem ouvidas.

As edições analisadas do jornal “A Voz da Fronteira” também indicam um “Extremo Oeste” que começava a se construir a partir de São Miguel do Oeste, ou seja, a partir da “cidade pólo” da região, que também é a cidade sede do jornal. Das sete inserções do termo Extremo Oeste no material informativo do jornal analisado, cinco tratam de obras que estavam sendo implantadas ou que se pretendia implantar na cidade, as quais eram relacionadas aos demais municípios como conquistas da região.

3.1 O Extremo Oeste nos jornais atuais



Atualmente o uso da expressão Extremo Oeste nos jornais se dá de maneira freqüente, e de tal forma que indica que os leitores já estão familiarizados com o seu significado. Nas nove edições do jornal “Folha do Oeste” analisadas, a expressão Extremo Oeste foi utilizada no material informativo publicado 62 vezes, o que dá uma média de mais de seis inserções por edição. Já no “Gazeta Catarinense” a expressão Extremo Oeste foi utilizada 45 vezes nas nove edições analisadas, o que significa uma média de cinco inserções por edição. O jornal que apresentou a utilização da expressão Extremo Oeste com menos freqüência por edição foi o “Jornal Regional”, nas quatro edições analisadas o termo apareceu 11 vezes, ou seja, quase três ocorrências por edição.

O *newsmaking*¹² relaciona essa postura dos veículos de comunicação, que insistem no uso do termo, às rotinas de produção do material jornalístico, o que parece coerente tendo em vista os dados analisados até aqui. Nesse sentido o autor Jorge Pedro Sousa (2000, p. 43) exemplifica: “como o ser humano só processa uma pequena quantidade de informação a cada momento, os jornalistas, sob a pressão do tempo, farão um uso adaptado de rotinas cognitivas que lhes sejam familiares para organizar as informações e produzir sentido”. Dessa forma, o uso hoje corriqueiro do termo Extremo Oeste nos jornais passa, também, pelo fato dos produtores do conteúdo jornalístico terem interiorizado esse conceito ao ponto de torná-lo um estereótipo.

Outro aspecto que também contribui para esta análise é a questão do agendamento (*Agenda Setting*). Essa hipótese parte da percepção que os meios de comunicação mantêm um fluxo contínuo de informação, o que se constitui numa das ferramentas de consolidação do conceito. Essa influência não se dá pela imposição de conceitos em relação a um determinado tema, mas sim pela influência que causam no público na determinação do que pensar e falar acerca de um determinado conceito, que faz com que ele vá sendo assimilado progressivamente. “Assim a agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social”. (HOHLFELDT, 2001, p. 191). Além disso, a hipótese do agendamento pressupõem que os meios de comunicação pautem uns aos outros e, sob perspectivas mais recentes, que o público também pautem a mídia.

Contudo essa diferença na utilização do termo, ocasionada com a sua consolidação enquanto conceito, também carrega uma semelhança em relação ao conteúdo ao qual ele

¹² Segundo Mauro Wolf (apud HOHLFELDT, 2001, p. 203) os estudos do *newsmaking* estão ligados à sociologia das profissões, no caso, o jornalismo. “A hipótese de *newsmaking* dá especial ênfase à produção de informações, ou melhor, à potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia. Desse modo, é especialmente sobre o emissor, no caso o profissional da informação, visto enquanto intermediário entre o acontecimento e sua narratividade, que é a notícia, que está centrada a atenção destes estudos, que incluem sobretudo o relacionamento entre fontes primeiras e jornalistas, bem como as diferentes etapas da produção informacional, seja ao nível da captação da informação, seja em seu tratamento e edição e, enfim, em sua distribuição.” (HOHLFELDT, 2001, p. 203)

estava vinculado na década de 1950 e a qual continua na atualidade. Trata-se do caráter otimista e relacionado ao progresso com que o termo Extremo Oeste ainda é utilizado.

Para comprovar essa afirmação as matérias dos jornais “Folha do Oeste”, “Gazeta Catarinense” e “Jornal Regional” foram separadas por categorias. Por uma questão metodológica foram criadas quatro divisões: categoria ‘A’ - Matérias relacionadas ao progresso e a vitórias da região (obras, conquistas, inaugurações, projetos visando crescimento, etc.); categoria ‘B’ - Matérias com caráter de representatividade e de integração, ou seja, quando a região se projeta diante das demais, ou então quando as demais reconhecem a existência do Extremo Oeste; categoria ‘C’ - Matérias relacionadas a problemas, conflitos, falhas; categoria ‘D’ - Matérias que não se encaixam em nenhuma das definições acima.

Levando-se em conta essas divisões, cada ocorrência da expressão Extremo Oeste foi enquadrada em uma das classificações, de acordo com o sentido da matéria em que foi utilizada. Para melhor representar essa análise quantitativa, apresenta-se o gráfico que reúne os índices de adequação a cada uma das categorias pré-estabelecidas:

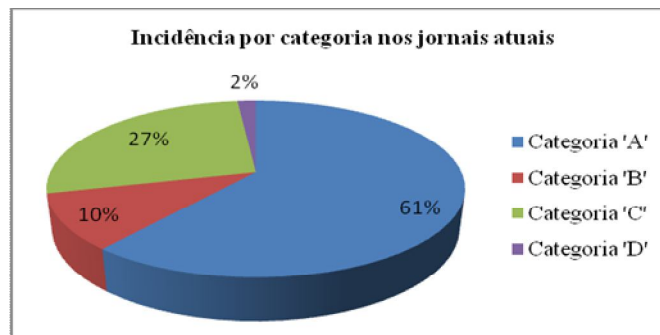


Gráfico 2: Incidência do termo Extremo Oeste por categoria levando-se em consideração os dados dos três jornais atuais
Fonte: a autora

Pelo gráfico pode-se observar que as matérias que se encaixam na categoria ‘A’ são em número significativamente superior as demais, comprovando a característica de uso da expressão Extremo Oeste em matérias relacionadas ao sentido de progresso, de conquistas e projetos, o que já era perceptível nas edições analisadas do “A Voz da Fronteira”. Em seguida vem o uso do termo em matérias sobre problemas (categoria ‘C’), conflitos. Esta é uma novidade em relação à incidência do termo em 1959, já que naquela época não foi observado nenhum registro da utilização da expressão Extremo Oeste em matérias que se referiam a situações de problemas e/ou conflitos. O terceiro lugar no número de ocorrências do termo foi em material com caráter de representatividade (no universo desse estudo enquadradas na categoria ‘B’). O fato da expressão ter sido usada nesse tipo de material informativo é mais



uma demonstração da consolidação do conceito de região Extremo Oeste nos jornais migueloestinos.

4 As vozes do discurso

O discurso midiático tem como característica a manifestação de diversas vozes, de diversos locutores. “De imediato, podemos citar como vozes: as fontes, o jornalista-indivíduo que assina o texto, o jornalista-instituição quando o texto não é assinado, o leitor que assina a carta publicada” (BENETTI, 2007, p. 116). Com base nas perspectivas apreoadas por Oswald Ducrot (apud BENETTI, 2007), um novo prisma de análise foi aplicado sobre o material de análise. Para facilitar o entendimento, primeiramente foram identificados os locutores dos discursos onde a expressão Extremo Oeste foi utilizada.

Numa observação prévia foi constatado que nenhuma das matérias, tanto do “A Voz da Fronteira”, como dos jornais atualmente em circulação em São Miguel do Oeste, onde o termo Extremo Oeste aparece, foi assinada pelo repórter que a produziu. Por outro lado, também notou-se que muitas das inserções do termo, principalmente na atualidade, foram verificadas em substantivos próprios, particularmente na composição de nomes de instituições.

Diante disso, estipulou-se duas categorias dentro das quais foram enquadrados os locutores que utilizaram a expressão Extremo Oeste com base nos princípios metodológicos assinalados por Marcia Benetti (2007): jornalista-instituição (quando o responsável pelo uso é o próprio jornal) e fontes. Também foi estipulada uma terceira categoria que abarcou o termo quando na composição de substantivos próprios, pois nesse caso não caberia identificar o locutor já que a utilização do termo não teria sido realizada por opção dele, mas sim pela condição do termo fazer parte da nomenclatura da instituição a qual o locutor se referia. A partir da formulação das categorias, cada inserção do termo Extremo Oeste foi agrupada de acordo com a natureza do locutor. Por meio dessa classificação pode-se observar que em 100% das inserções do termo Extremo Oeste nas matérias informativas do jornal “A Voz da Fronteira”, o locutor foi o jornalista-instituição. Já nos jornais atuais a situação é diferente. Segue o gráfico para representação quantitativa dos dados obtidos:

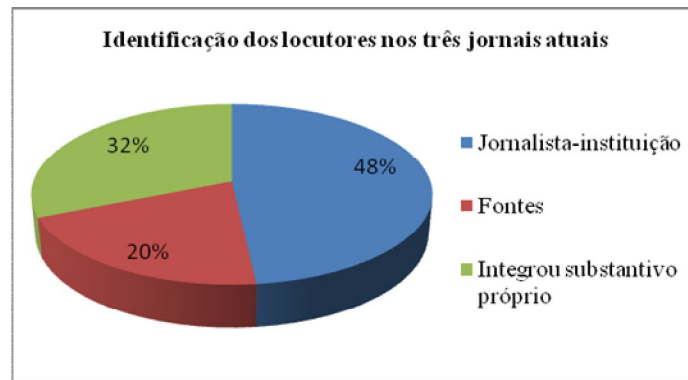


Gráfico 6: Identificação dos locutores levando em consideração os dados dos três jornais atualmente em circulação
Fonte: a autora

De acordo com o gráfico pode-se observar que, embora a maior parte dos discursos onde o termo Extremo Oeste aparece atualmente tem como locutor o jornalista-instituição, as fontes também passaram a fazer uso do termo, ao contrário do que acontecia no “A Voz da Fronteira”. Outro aspecto a ser considerado é o surgimento de um número muito expressivo de organizações que utilizam o termo Extremo Oeste em seus nomes. Esses dois aspectos se constituem em mais evidências da consolidação do termo nesse período de 50 anos que separa as matérias publicadas pelo “A Voz da Fronteira” do conteúdo veiculado atualmente.

Mas provavelmente esse fenômeno transcenda a consolidação do termo, passando pela intenção que essas organizações (que utilizam o termo Extremo Oeste na sua nomenclatura) têm em criar um sentido de proximidade para com o seu público e de afirmação do espaço geográfico que representam perante a própria região e perante outras localidades.

Outra questão, em relação as fontes como locutoras do discurso, é que das 24 vezes em que a expressão Extremo Oeste foi usada por fontes, apenas em uma delas a voz que apareceu foi de uma fonte independente¹³, nas outras 23 vezes o uso se deu por fontes oficiais. Um dos aspectos que deve ser levado em consideração, quando se aborda este tema, é que os jornais migueloestinos não têm o hábito de utilizar fontes independentes, o que não acontece apenas em relação ao uso da expressão Extremo Oeste, mas sim, em relação a todo o conteúdo informativo divulgado. Além disso, na maioria das vezes o uso

¹³Essa divisão entre fontes independentes e oficiais leva em consideração a divisão proposta por Nilson Lage (2004, p. 63), que classifica as fontes dos jornalistas em oficiais, oficiosas e independentes. No entanto, como nenhuma das fontes do material analisado se enquadra no conceito de fontes oficiosas, essa classificação foi suprimida. Conforme Lage, as “fontes oficiais são mantidas pelo Estado; por instituições que preservam algum poder de Estado, como as juntas comerciais e os cartórios de ofício; e por empresas e organizações, como sindicatos, associações, fundações etc. (...) Fontes independentes são aquelas desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico em cada caso.



do termo foi registrado em citações indiretas, ou seja, o jornalista transcreveu com as suas palavras as informações repassadas pela fonte.

Independente disso, o fato da maioria das fontes que se posicionou como locutoras do discurso acerca da expressão Extremo Oeste estarem enquadradas dentro da classificação das fontes oficiais demonstra que o termo tem uma característica elitista, ou seja, as “autoridades constituídas” fazem questão de utilizá-lo, mesmo porque isso significa delimitar uma região para a sua própria influência. O mesmo acontece com os jornais, já que a vulnerabilidade com que tratam os limites da região Extremo Oeste, que varia de acordo com a sua própria área de abrangência, também é um mecanismo de delimitação de uma área de influência.

5 Considerações finais

A discussão acerca do poder de influência do jornalismo sobre a sociedade é uma discussão antiga, polêmica e inacabada. Cabe destacar que dependendo da metodologia de pesquisa utilizada nos estudos da área da Comunicação Social acerca deste tema, diferentes possibilidades são vislumbradas. Diante disso, é importante deixar claro que as considerações aqui expostas foram delimitadas pelo foco da pesquisa que embasou o presente artigo.

Dessa forma, pode-se observar que a contribuição dos jornais é um elemento importante para a consolidação do conceito de região Extremo Oeste, em primeiro lugar porque o jornalismo não é apenas um mecanismo de transmissão de informações, mas também de produção de sentidos. Em segundo lugar, porque a natureza do veículo de comunicação jornal faz com que ele seja o suporte ideal para a preservação da memória do grupo do qual trata e ao qual se dirige.

A característica de servir como documento histórico faz com que os conceitos expressos nos jornais adquiram maior importância do que se fossem utilizados em outros campos discursivos efêmeros, pois os registram na história com o aval de verdade absoluta adquirido pelos veículos de comunicação devido à utilização de determinadas técnicas de produção do conteúdo jornalístico.

Outra constatação é que, embora o conceito de região Extremo Oeste não seja oficial, ele existe no campo simbólico ao qual o público dos jornais migueloestinos recorre para compreender o mundo que o cerca. No entanto, a memória construída pelos jornais, e conseqüentemente os sentidos dados por eles a expressão Extremo Oeste, não são isentas,



tratam-se de construções que se dão no bojo das relações de poder nas quais o jornalismo está inserido.

Contudo discurso jornalístico deixa no seu interior marcas materializadas pela linguagem que permitem a identificação dessas relações de poder. Com base nesses indícios percebemos que os jornais atualmente em circulação utilizam a expressão Extremo Oeste para se referir a uma região que, em aspectos geográficos, abrange aproximadamente (variando de um veículo de comunicação para o outro) os municípios da Associação dos Municípios do Extremo Oeste de Santa Catarina (Ameosc), alguns municípios da Associação dos Municípios do Entre Rios (Amerios) e alguns municípios da Associação dos Municípios do Noroeste Catarinense (Amnoroste). Já em aspectos ideológicos o conceito está relacionado a uma visão otimista da região, apresentada como em constante desenvolvimento, que progride.

Além disso, tanto no “A Voz da Fronteira” como nos jornais atualmente em circulação no município o termo se refere a uma área de influência político, econômico e cultural do município de São Miguel do Oeste, tratada pelos jornais migueloestinos como cidade “pólo” do Extremo Oeste, e que também é a sede desses jornais de circulação regional.

Esse discurso acerca do Extremo Oeste, que se constitui num signo lingüístico muito rico em significados, é influenciado pelo contexto histórico no qual se insere o material jornalístico. Em 1959 o jornal “A Voz da Fronteira” falava do Extremo Oeste se referindo a uma região em pleno desenvolvimento, próspera, que recebia atenção das lideranças políticas e de entidades privadas. Atualmente a visão não é mais tão generalista. O Extremo Oeste ao qual se referem os jornais atuais ainda carrega, na grande maioria das vezes em que aparece, teor otimista, embora a consolidação do termo já permita algumas incursões acerca de problemas comuns entre os municípios aos quais os jornais se referem quando utilizam a expressão. No entanto, na maioria das vezes, quando o assunto se refere a problemas ou conflitos ele é isolado no município onde ocorreu o fato que motivou a divulgação da matéria.

Cabe destacar que as considerações aqui apresentadas não têm a intenção de encerrarem o assunto, pelo contrário, representam apenas uma contribuição para essa discussão, que pode e deve ser ampliadas, especialmente num momento histórico como o que vivemos atualmente, em que se discute tanto aspectos como a globalização e, na contramão, as regionalizações. Essa possibilidade de continuação/ampliação de estudos baseados nesse tema é uma das contribuições da pesquisa para a área do Jornalismo.



Nesse sentido, outro aspecto é a observação das particularidades de cada veículo de comunicação, pois somente conhecendo plenamente as possibilidades de cada um se exerce um jornalismo consciente de seu poder de influência social. Por outro lado, entender-se como agentes que influenciam as comunidades vislumbra uma grande responsabilidade para os profissionais da área, pois, sendo assim, o jornalismo também pode, e deve, ser um agente de promoção da cidadania e da educação.

Outra contribuição para o campo do jornalismo é a reflexão acerca do uso de conceitos pré-estabelecidos por quem produz o conteúdo jornalístico, já que as palavras são o suporte fundamental do exercício da profissão. Por último, analisar o jornalismo sob o aspecto histórico nos remete ao fato de que o discurso midiático não pode ser separado do contexto em que foi produzido, pois a sociedade é o próprio objeto de trabalho do jornalismo e, dessa forma, sociedade e imprensa se influenciam mutuamente.

Referências bibliográficas

- BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, “senhores da memória”?**. In: Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 4., 2004, Porto Alegre. Disponível em: <<http://de.scientificcommons.org/14913948>>. Acesso em: 24 setembro de 2008.
- BARBOSA, Marialva. Mídias e usos do passado: o esquecimento e o futuro. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 12, p.13-26, dez. 2006. Disponível em: <<http://143.107.83.121/ojs/index.php/galaxia/article/view/3471/3272>>. Acesso: 31 out. 2008.
- BAVARESCO, Paulo. **Ciclos Econômicos Regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste catarinense**. Chapecó: Argos, 2005. 219 p.
- BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em Jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: _____; LAGO, Cláudia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 107-122.
- CORREIA, João. O poder do jornalismo e a mediatização do espaço público. **Revista de comunicação e linguagens**, Lisboa: Relógio D’água, n. 27, p. 193-211, fev. 2000.
- DE BONA, Avelino. **Evolução histórica de São Miguel do Oeste Estado de Santa Catarina**. São Miguel do Oeste: McLee, 2004, 94 p.
- DA SILVA, Luiz Martins. Sociedade, esfera pública e agendamento. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 84-104.
- DIEHL, Astor Antônio. **Do método histórico**. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2001. 112 p.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. São Paulo: Summus, 1986. 157 p.
- ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo: Redação, captação e edição no jornalismo diário**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2004. 256 p.



FAUSTO NETO, Antônio. Mutações nos discursos jornalísticos: da ‘construção da realidade’ à ‘realidade da construção’. In: FILIPPI, Ângela; PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.). **Edição em Jornalismo: Ensino, Teoria e Prática**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. 194 p.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. In: _____; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 187-219.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. Tradutor: Wladir Dupont. 2. ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004. 302 p.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004. 189 p.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. 3. ed. Florianópolis: Insular: Editora da UFSC, 2001. 160 p.

MEDINA, Cremilda. **Notícia, um produto a venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003. 239 p.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003. 174 p.

PÁGINA OFICIAL DA PREFEITURA DE SÃO MIGUEL DO OESTE. **Dados do município**. Disponível em <<http://www.saomiguel.sc.gov.br/index.php?pg=dados.php>>. Acesso 17 set. 2008.

PICCINI, Audrey Saylor Basso; TORRESCASANA, Mariângela Alves Storniolo. Cartografia dos veículos de comunicação no oeste de Santa Catarina. In: PEREIRA, Jorge Arlan de Oliveira; BORGES, Luis Fernando Rabello (Orgs.). **Percepções de comunicação e mídia no oeste catarinense**. Chapecó: Pallotti, 2006. p. 25-37.

POZENATO, José Clemente. **Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural**. Caxias do Sul: Educ, 2003. 160 p.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2002, p. 217-233.

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA, LAZER E TURISMO. **São Miguel do Oeste 50 anos, Conhecer, Amar e Divulgar: Reconstituição Histórica 08.02.2004**. São Miguel do Oeste: 2004. 32 p.

SERPA, Leoní Teresinha Vieira. **A máscara da modernidade: a mulher na revista O Cruzeiro (1928-1945)**. Passo Fundo: UPF, 2003. 240 p.

SOUSA, Jorge Pedro. **As notícias e seus efeitos: As “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos *media* jornalísticos**. Coimbra: MinervaCoimbra, 2000.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 7-72.